

CONVERGÊNCIAS ENTRE A PACIFICAÇÃO DO ESPAÇO MOÇAMBICANO E O ESPAÇO FICCIONAL DE MIA COUTO

CONVERGENCE BETWEEN THE PACIFICATION OF MOZAMBICAN SPACE AND THE FICTIONAL SPACE OF MIA COUTO

Rodrigo Ferreira Daverni

Claretiano, Instituto Universitário (Brasil)

coordrevisao@claretiano.edu.br

Resumo

O romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), do autor moçambicano Antonio Emílio Leite Couto, comumente conhecido como Mia Couto, evidencia, por meio de uma ficção, uma proposta de revitalização, pela via do literário, da sociedade moçambicana. Nessa perspectiva, sua poética repousa em uma relação dialética que se funda, sobretudo, entre a permanência (representada ou registrada pela existência do bairro rural denominado Luar-do-Chão) e a ausência (cidade, espaço da narrativa dedicado ao desenvolvimento, progresso e conforto, mas também o da perda da memória tribal, dos sentimentos, etc.), ambas demarcadas pela espacialidade. O presente trabalho tem por finalidade demonstrar como algumas temáticas comuns às literaturas africanas aparecem representadas na espacialidade do universo diegético miacoutiano. Percebeu-se, na obra do autor, que a organização do espaço ficcional indicia a convivência de culturas distintas. Para tanto, a sua literatura instaura uma terceira margem ao modo de Guimarães Rosa, um entrelugar, sugerindo que tradição e modernidade, o velho e o novo, os de lá e os de cá podem e devem caminhar a braços, dissolvendo, assim, o desrespeito à alteridade legado da experiência colonial moçambicana.

Palavras-chave: Mia Couto, espaço narrativo, Moçambique, alteridade.

Abstract

The novel *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), written by the Mozambican author António Emílio Leite Couto, also known as Mia Couto, brings out, by means of fiction, a proposal for revitalizing the Mozambican society with the help of Literature. In this perspective, his poetry depends on a dialectical relation between permanence (represented or registered by the existence of the rural district named *Luar-do-Chão*) and absence (city, space of the narrative dedicated to the development, progress and comfort, but also the one of the loss of the tribal memory, the feelings etc.), both determined by spatiality. This work aims at demonstrating how some issues which are common to the African Literature are represented on the spatiality of Mia Couto's diegetic universe. In this work, it is observed that the organization of the fictional space reveals the conviviality of distinct cultures. For this purpose, his Literature brings a third fringe represented by a place called Guimarães Rosa's way, suggesting that tradition and modernity, the old and the new, the ones from there and the others from here can and must work together, extinguishing, therefore, the disrespect to alterity, a legacy of the Mozambican colonial experience.

Keywords: Mia Couto, narrative space, Mozambique, alterity.

Introdução

O escritor Mia Couto (Antônio Emílio Leite Couto) nasceu na Beira, a segunda cidade mais populosa de Moçambique, em 05 de julho de 1955. É filho de uma família de emigrantes portugueses que chegaram ao país no início da década de 1950, precisamente em fevereiro de 1953. Em criança, muitas vezes fora surpreendido entre gatos, sonhava ser um, o que acabou por lhe render a alcunha de *Mia*.¹

O espaço natal do escritor apresenta-se como muito significativo para sua formação humana e literária. A Beira era uma cidade que tinha como principal particularidade a convivência de culturas heterogêneas, marcada por um típico cruzamento entre *territórios culturais* de negros, brancos e indianos, dentre outras raças.

Da janela da casa construída em alvenaria, era possível o menino vislumbrar, do outro lado da rua, as moradias de caniço em que residiam os nativos. Foi, também, por essas cercanias que ele se viu encantado com as estórias narradas pelos *griots*.² Para Cavacas (2002), é deste convívio que resulta uma consciência social e política que vai fazer com que o jovem Mia assumira o seu papel “na participação activa da construção de uma sociedade livre e mais justa para Moçambique e na aceitação plena dos modos de ser e estar de cada um dos grupos étnicos que compõem o mosaico cultural moçambicano” (p. 90).

Outro dado apreciável quanto à configuração do local onde Mia passou seus primeiros anos é o fato de suas construções não serem muito condizentes com a arquitetura colonial então dominante por ali, configurando-se como uma região híbrida, ao passo que em outras cidades a disposição espacial refletia em suas construções os ideais do colonialismo português, conforme as palavras do próprio autor (1997):

A minha cidade tinha uma arquitetura pouco típica do poder colonial, enquanto outras cidades refletiam a hierarquia social e racial do sistema de dominação portuguesa. A região da Beira era um pântano e foi difícil domesticar a lama e o mosquito. A ocupação foi, portanto, caótica, e isto me levou a conviver com pretos mestiços. Se tivesse nascido em outra cidade, estaria confinado num espaço que não ofereceria oportunidade de troca, de intercâmbio. Houve sempre uma osmose profunda. E isso foi importante em minha formação.

Desse modo, a questão espacial foi determinante não só para o desenvolvimento da pessoa, como do escritor, uma vez que a busca pela legitimação dessa heterogeneidade cultural será uma das grandes temáticas que mais tarde perpassará sua obra, à contramão da tentativa

¹ Em entrevista, o autor recorre à figura do gato para ilustrar seu processo criativo: “Como todos os animais caçadores carecemos dessa aprendizagem ritualizada. Como um gato perante o novelo, assim estamos ante o texto que nos encanta”. (COUTO, Mia. Entrevista. O gato e o novelo. *Jornal de Letras*, Lisboa, 8 out. 1997.)

² Mia Couto, no que toca à relação com esta diversidade cultural, afirma: “Na rua começava a África, em casa estava a Europa.” (CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas*. Literatura e nacionalidade. Lisboa: Vega, 1994, p. 276.)

de homogeneização que o colonialismo português empreendeu violentamente em Moçambique durante décadas.³

As literaturas africanas, em particular a moçambicana, há muito vem cumprindo um importante papel no tocante à reconfiguração cultural dos países assolados pelo regime colonial, bem como à reconstrução, ainda que simbólica, de seus espaços fraturados pelas guerras de libertação.

É nesse sentido, talvez, que o intelectual palestino, Edward Said (1995), saliente que “nenhum de nós está totalmente ausente da luta pela geografia. Essa luta é complexa e interessante porque não se restringe a soldados e canhões, abrange também ideias, formas, imagens e representações” (p. 37).

Ademais, para o autor, o reparo de um “território geográfico” é lento, visto que, concluída a “resistência primária”, qual seja a imposição contra o invasor, tem início a “resistência secundária, isto é, ideológica, quando se tenta reconstituir, salvar ou restaurar o sentido e a concretude da comunidade contra todas as pressões do sistema colonial” (Said, 1995, p. 37). A literatura, pois, operaria nesta instância secundária.

Em meio aos artistas que assumiram esta difícil empreitada está, como se viu até aqui, o escritor Mia Couto, que, pela *desarquitetura* das letras, tem dado a sua contribuição para o restabelecimento cultural de seu país.

Se feito um paralelo entre o que se denominou como sendo a “luta pela geografia” e a arte romanesca, inevitavelmente ganhará evidência na obra do escritor a categoria espacial, como constituinte de um dos principais eixos articuladores deste seu projeto, não só literário, mas político; não só estético, mas ético. Ao encontro do exposto, comentam Macêdo e Maquêa (2007) a respeito da literatura do moçambicano:

[...] o espaço adquire contornos de uma matéria-prima essencial, transformando-se em tema, personagem e linguagem dos textos. Assim, nas terras do Moçambique literariamente dado em seus textos, a geografia e a história comparecem significativamente integradas no espaço literário fazendo com que rios, localidade ou árvores, como os frangipanis, evoquem o canto e plumagem das palavras e marquem utopias verdes de esperança em um mundo ‘à revelia’ em que predominam a guerra e os desmandos (p. 40).

Os valores temáticos que emanam da espacialidade literária em Mia Couto indiciam traços que, de acordo com Secco (2000), propõem uma “[...] uma nova cartografia que ultrapassa os limites geográficos do país, e traçam, pelo viés do sonho e da recriação verbal, o mapa de uma nação reimaginada” (p. 273).

³ O autor diz o seguinte sobre sua cidade natal: “[...] na Beira havia quase *apartheid* em certas coisas. Não podiam entrar negros nos autocarros, só no banco de trás... Enfim, era muito agressivo. No Carnaval os filhos dos brancos vinham com paus e correntes bater nos filhos dos negros ...” (Chabal, Patrick. *Vozes Moçambicanas. Literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994, p. 276).

Resta, pois, afirmar que o propósito do presente artigo é propor uma reflexão acerca do espaço insular em Mia Couto, como espaço literário representativo não só da fusão de culturas diversas, como também do próprio processo de pacificação e de desenvolvimento da sociedade moçambicana.

Contornos do espaço ficcional miacoutiano

Na senda entre dois universos, tradição e modernidade, a literatura surge como uma possibilidade de diálogo, de aproximação e de reparação simbólica à sociedade moçambicana. Em entrevista à pesquisadora Celina Martins, Mia Couto reconhece a importância de sua produção na construção de uma sociedade mais aprazível, porém não deixa de fazer uma ressalva:

[...] Mas não só a literatura, todas as outras artes podem ajudar a que estes dois mundos, pelo menos, comecem a falar, se entendam na base do mútuo conhecimento. Considero que o que os outros escritores africanos e eu estamos fazendo é sugerir a esse Outro que não há razão para ter medo, porque essas culturas se temem porque se desconhecem. Este é o drama que cada vez está mais patente: há universos, em Moçambique, incapazes de se relacionarem ... (Couto apud Martins, 2006, p. 408)

Em seguida, tentar-se-á demonstrar como esses universos “incapazes de se relacionarem” aparecem representados no âmbito da espacialidade literária, de um modo particular, na ilha, espaço recorrente na produção de Mia Couto. Mais importante do que isso é perceber as estratégias, sobretudo espaciais, criadas pelo autor para promover a aproximação, e demonstrar, de acordo com a lição que o poeta Craveirinha deu a Mia, que é possível ser um povo “repartido” e não “dividido”. Logo, faz-se preciso tirar a partícula “ou” e inserir a partícula “e” entre as dualidades, tal como sugere o próprio Mia (2005), validando a intenção da análise proposta:

Recordo a lição do poeta Craverinha quando ele se referia à sua origem mestiça: ‘sou um homem repartido, não sou um homem dividido’. É assim, repartidos e não divididos, que todos nós nos apresentamos. Não há nenhum de nós que seja cidadão de uma só nação. Repartimo-nos por universos vários. Somos cidadãos da oralidade mas também da escrita. Somos urbanos e rurais. Somos da nação da tradição e da modernidade. Sentamo-nos no computador e na esteira, sem nos sentirmos estranhos em nenhum dos assentos. E é assim que terá que ser: partilhamos mundos diversos sem que nenhum desses universos conquiste hegemonia sobre os outros (p. 93).

Ao observar o conjunto da obra do escritor Mia Couto, dois dados referentes à espacialidade chamam a atenção: a recorrência do espaço insular e do rural (natureza), este último de modo especial, uma vez que toda a sua produção romanesca tem como principal espaço de ação a natureza, o campo e não a cidade. Este dado contraria, inclusive, o gênero romanesco, pois, conforme Massaud Moisés (1974), “como o romance nasceu vinculado à burguesia, o seu cenário típico é o urbano” (p. 453).

No que diz respeito ao primeiro aspecto, a constante insularidade, a pesquisadora Ana Mafalda Leite (2003) já observara que “[...] o tema da Ilha, nomeadamente da Ilha de Moçambique, no contexto da literatura africana, como uma forma particular de regionalismo literário” (p. 137). A autora demonstra que esta temática não é própria de Couto, mas uma particularidade daquela literatura, representando um compromisso entre o espaço geográfico e o espaço ficcional, ao mesmo tempo que busca “[...] reconhecer que embora ficcional o espaço regional criado literariamente aponta, enquanto portador de símbolos, para um mundo histórico-social e uma região geográfica existente” (a mesma, 2003, p. 137).

Diante de tal afirmativa, é possível se chegar a uma primeira constatação: a ilha tem a funcionalidade de um referente que contribui para a ancoragem nas literaturas africanas, dando a ela maior verossimilhança ao aproximar a ficcionalidade de um espaço geográfico bastante representativo aos povos moçambicanos, a Ilha de Moçambique. Francisco Noa (2002), embora referindo-se à literatura colonial moçambicana, menciona que “[...] a localização geográfica dos acontecimentos narrados funciona com um dos suportes mais nítidos da demarcação identitária da literatura colonial (p. 137).” Ainda a este respeito, complementa Yves Reuter (1996):

Os lugares no romance podem ‘ancorar’ a narrativa no real, dar a impressão de que eles o ‘refletem’. Nesses casos, nos prenderemos às descrições, à sua precisão, aos nomes e informações que remetem a um saber cultural recuperável fora do romance, aos procedimentos realizados para produzir este efeito realista (p. 59).

Outro aspecto de igual relevância está ligado ao fato de a ilha, como espaço mítico e deflagrador da utopia, contribuir para a proposta temática e cultural de Mia Couto, qual seja a de instaurar um ambiente de comunicabilidade entre povos heterogêneos:

Pensamos que semelhante regionalismo insular ganha a expressão metonímica de um dos espaços míticos de fundação da nação, enquanto espaço cultural, ou seja, estrutura a noção de moçambicanidade, enquanto representação de um espaço de cruzamentos culturais de origens diversas, como a bantu, árabe, indiana e europeia (Noa, 2002, p. 130).⁴

Aliando a questão geográfica, estrutural e temática, a ilha surge como um mote regenerador cuja função maior é estabelecer o rompimento das fronteiras que distanciam as diversas culturas no território moçambicano, um entre-lugar propício à convivência, como bem assinalou Rita Chaves (2005) ao também se referir à representação da Ilha de Moçambique na poética deste país como um espaço de configuração identitária:

Nesse ponto depositado nas águas do Índico, espécie de entre-lugar onde se movem as coordenadas ditadas pela história e pela geografia do território hoje

⁴ NOA, Francisco (2002, p. 130). *Império, mito e miopia*. Lisboa: Caminho, (grifos nossos). Na obra *Oralidade & escritas nas literaturas africanas*, Ana Mafalda Leite reflete sobre a recorrência da ilha na literatura africana: “Penso que a escolha (involuntária?) deste processo temático de insularização permite problematizar outros temas, como a ideia de nação, de cultura, a destruição e desagregação dos laços clânicos e do equilíbrio do interior, resultantes, em especial, dos efeitos da guerra civil, que alastrou, e ainda alastra, com seus resquícios de banditismo e corrupção, por estes países.” (Leite, 1998, p. 69).

identificado com o país, estão as linhas com que alguns poetas compõem as imagens de sua ligação com a terra e suas hipóteses de escapar aos limites que as fronteiras representam (pp. 214-215).

Parece, pois, inegável o fato de os escritores africanos dialogarem com seus espaços de referência, o que só faz notar que, em alguns casos, o espaço literário está totalmente ligado à geografia da qual o escritor participa.

O crítico moçambicano Francisco Noa, em um texto intitulado “Modos de fazer mundos na actual ficção moçambicana”, reflete sobre a “criação do mundo”, discutindo a problemática da interação entre o que se tem por “mundo real” – dentro da perspectiva do mundo como conjunto de coisas, – e uma perspectiva versional, que é a do discurso que se cria sobre o mundo referenciado, ou seja, o espaço textual. Tem-se, nesse sentido, a relação evidente entre o mundo real e o mundo possível, faculdade que vai ao encontro da proposta de Mia Couto⁵. Para o crítico, embora sejam universos distintos, esses dois mundos dialogam, confrontam-se e complementam-se, e, nesse sentido, as obras ficcionais, em literatura e as suas correlativas em outras artes, desempenham um papel considerável na feitura do mundo. Para ele, a representação do mundo não é apenas resultado da herança cedida por cientistas, biógrafos e historiadores, mas também produto do exercício da criação de romancistas, dramaturgos e pintores (Noa, 2002).

Ainda na esteira de Noa, a importância dessa reflexão reside no fato de sublinhar, ainda que de forma redundante, a incontornabilidade da arte em geral, e da literatura, em particular, no que toca à *harmonização* do Mundo e da História. A fim de dar cabo desta primeira reflexão levantada – a recorrente insularização na obra de Mia e a proximidade que ela estabelece com a geografia de Moçambique –, constituem-se como essenciais as assertivas do crítico moçambicano (2002):

Projectando esses pressupostos no conjunto das literaturas africanas, particularmente no que concerne à literatura moçambicana, são inquestionáveis as interações entre os mundos que ela cria e os mundos que a envolvem e de onde ela parte. Explicando, de modo abrangente, essa dicotomia, Lubomir Dolezel (1988, p. 83) entende que, apesar de o mundo real participar na formação dos mundos ficcionais ao proporcionar os modelos de sua estrutura, o mundo ficcional é sempre um conjunto imenso de domínios diversificados que acomodam os mais diversos indivíduos possíveis, assim como estado de coisas, eventos, acções etc. Afinal, estamos perante um mundo *ilimitado e variado ao máximo*, que tem os seus próprios mecanismos de autenticação e sustentação (p. 268, grifos do autor).

Concluída a discussão acerca do primeiro aspecto espacial apontado como recorrente na obra de Mia, resta-nos fazer um breve comentário sobre o segundo, a saber: o fato de seus romances estarem ambientados no espaço rural, na natureza.

⁵ Para o escritor, é preciso reacender o território simbólico da nação a fim de poder povoá-lo novamente, “[...] preenchendo o imaginário de formas novas, num espelho que mostra não tanto o que somos, mas o que poderemos ser.” (COUTO, 2009, p. 206)

No romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, por exemplo, Mia Couto demonstra como a literatura e a história se constroem de maneira articulada, de tal modo que não é possível pensar uma sem a outra. Na obra, o conflito entre realidades distintas – sejam no plano da língua, da cultura ou da política – é demarcado pelo embate entre os espaços da cidade, caracterizada pela assimilação passiva e globalizante, e da ilha – lugar resguardado do mundo. Todavia, o último sempre será predominante sobre o primeiro.

A primeira hipótese para essa escolha parece ser de ordem cultural, uma vez que os povos africanos sempre mantiveram, e ainda hoje mantêm em algumas localidades, uma relação indissociável e respeitosa com a Natureza. A temática da Natureza perpassa todas as manifestações artísticas, e não só a literatura. De acordo com Sow (1997), a função primordial das culturas africanas “[...] foi sempre a de transmitir uma certa ideia do homem e da Natureza e de contribuir para a harmonia das suas relações mútuas” (p. 26). Ademais, para Noa (2002), este universo se reveste de um espírito comunitário como marca idiossincrática de uma certa forma de ser e estar, ou ainda figura como “[...] representação da hospitalidade como valor identitário, embora em crise, quase que um anacronismo, mas revelador de uma vitalidade social e cultural profunda” (p. 177).

O próprio Mia Couto (2009), e aqui se nota claramente o veio herdado do ofício do biólogo, vai dizer que “[...] a ideia de meio ambiente pressupõe que nós, humanos, estamos no centro e as coisas moram à nossa volta. Na realidade, as coisas não nos rodeiam, *nós formamos com elas um indivisível corpo*” (p. 23, grifos nossos).

Ainda a este respeito, Fonseca e Cury (2008), refletindo sobre as preferências espaciais de Mia Couto, prestam suas contribuições ao tema:

Os elementos telúricos são marcantes nos romances. De um lado, *são reveladores da importância que adquire na cultura africana tudo o que se refere à natureza*; de outro, revestem-se de “cultura”, isto é, são produzidos no texto como presença e trabalho do homem na sua relação com o espaço (p. 99, grifos nossos).

Por meio deste excerto, é possível chegar-se a uma segunda hipótese, esta de ordem social e histórica. Ao referenciar o universo rural, o escritor acaba prestando um serviço de manutenção histórica para sua cultura, ao trazer à tona toda uma cosmovisão que, cada dia mais, se dilui pelos dedos da modernidade. De acordo com o escritor, os jovens estudantes moçambicanos olham para o universo rural como se ele fosse um abismo, trata-se de uma faceta invisível das culturas africanas.

Sem a reatualização desses elementos, tais pressupostos do universo rural correriam o risco de serem extintos. Logo, opta-se pelo universo rural como ponto de partida para a aproximação com o universo urbano, e dessa escolha resulta a reconfiguração das culturas africanas de maneira endógena, a África como ponto de referência, à contramão do eurocentrismo.

O próprio Mia Couto, ao relatar sua experiência como docente na Universidade Eduardo Mondlane, comentou sobre o problema da distanciação dos jovens alunos urbanos em relação ao país, pois estes quando iam fazer trabalhos no campo era como se estivessem

adentrando um universo estranho e adverso a eles. Não conheciam as línguas, os códigos culturais e alguns chegavam a manifestar as mesmas visadas estereotipadas dos exploradores coloniais.

Aquelas zonas rurais eram, afinal, o espaço onde viveram os seus avós, e todos os seus antepassados. Mas eles não se reconheciam como herdeiros desse património. O país deles era outro. Pior ainda: eles não gostavam dessa outra nação. E ainda mais grave: sentiam vergonha de a ela estarem ligados. A verdade é simples: esses jovens estão mais à vontade diante de um vídeoclip do Michael Jackson do que no quintal de um camponês moçambicano (Couto, 2005, p. 9).

A terceira hipótese é de ordem estrutural. A opção por esta espacialidade como predominante se faz indispensável dentro da poética miacoutiana, por se tratar de um universo que dá coerência literária à utilização de inúmeras temáticas que vêm sendo exploradas na obra de Mia Couto, como, por exemplo, a oralidade, o uso de provérbios, dentre outras tantas, todas tipicamente pertencentes ao universo rural moçambicano. Ainda no âmbito literário, o que mais interessa aos propósitos deste estudo, Francisco Noa (2006) revela:

Estrategicamente, tanto a escrita de Suleimane Cassamo quanto a de Mia Couto colocam, como aposta deliberada, a eleição da ruralidade, e dos valores que lhe são dramática e idilicamente associados, como espaço redentor e messiânico, não imperativamente do mundo em que se encontram, mas muito obrigatoriamente do modo de fazer mundos na e por meio da literatura (p. 273).

No romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, por exemplo, os macroespaços da narrativa são representados pelo embate espacial entre ilha e cidade (Natureza X cenário)⁶:

Nenhum país é tão pequeno como o nosso. Nele só existem dois lugares: a cidade e a Ilha. A separá-los, apenas um rio. Aquelas águas, porém, afastam mais que a sua própria distância. Entre um e outro lado reside um infinito. São duas nações, mais longínquas que planetas. Somos um povo, sim, mas de duas gentes, duas almas (Couto, 2003, p. 18).

Nota-se na passagem “São duas nações, mais longínquas que planetas”, para além da hipérbole, as coordenadas espaciais horizontais no eixo da prospectividade. Na maioria dos casos, tal eixo é bipolar: *aqui* vs. *lá*. No caso em questão, temos esta distância espacial demarcada pelo adjetivo feminino “longínquas”.

[...] Mia Couto interpela os valores prevaescentes em toda uma sociedade e que oscilam dramaticamente entre o apelo da tradição e da modernidade, do local e do universal, do passado e do presente. Nesse sentido, através dos recorrentes diálogos entre as personagens, os espaços (físicos, psicológicos, individuais e coletivos) e os tempos (subjativos, privados, históricos e míticos), *Um rio chamado*

⁶ Entende-se por *Natureza* os espaços não construídos pelo homem, enquanto *cenário* seria o espaço construído pelo homem.

tempo, uma casa chamada terra questiona vivências, fustiga a degradação da vida pública e denuncia a degenerescência dos costumes (Noa, 2006, p. 155).

Assim, pode-se inferir que tais espaços representam a dualidade em que está calcada a cultura moçambicana após as fissuras resultantes do colonialismo, da guerra e da modernidade. Se de um lado, tem-se a ilha como representação do espaço primordial, ancestral, dos *griots*, de outro, ao longe, está a cultura citadina, moderna, escrita. A separá-las, está o rio Madzimi. Logo, não poderia haver outro espaço mais conveniente para a manifestação desta heterogeneidade do que o de uma ilha, sobretudo no tocante ao projeto miacoutiano de desfazer as polaridades. Trata-se de um processo de intercâmbio cultural a fim de fazer conviver as dualidades deixadas pelo sistema colonial. Ao se referir à ilha e à sua carga representativa, esclarece Ettore Finazzi-Agró (1993):

Figura geográfica, claro, mas também figura na acepção mais ampla de ‘espaço projetivo’, em que se condensam uma série de práticas representativas, em que se acumulam, em nível ideal, experiências heterogêneas: espaço, enfim, que se expõe à precariedade sem fim da interpretação simbólica, ao flutuar histórico das alegorias morais, políticas, religiosas. De modo que essa ilha de que falo tem, desde o início, uma consistência ‘topográfica’ e uma imaterialidade ‘tópica’: ou seja, ela é um fragmento espacial reconhecível, dotado de uma identidade cartográfica própria, mas é, ao mesmo tempo, uma condensação retórico-discursiva, é o lugar ilocável em que se juntam e se sedimentam imagens muitas vezes contraditórias (p. 94).

Os macroespaços, cidade e ilha, figurativizam dois temas básicos de toda a poética de Mia Couto: modernidade e tradição, respectivamente. No romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, entre essas duas espacialidades, surge uma terceira, o rio, fluindo tal um elo a separar e a ligar dialeticamente “duas nações mais longínquas que planetas”. Um detalhe não menos importante é a opção do escritor por três macroespaços nesse romance. No âmbito da simbologia, “O três é um número fundamental universalmente. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem. Sintetiza a triunidade do ser vivo ou resulta da conjunção de 1 e de 2, produzido, neste caso, da União do Céu e da Terra” (Chevalier & Gheerbrant, 2009, p. 889). No romance que ora mencionamos, dos três macroespaços dispostos, a ilha de Luar-do-Chão, como o próprio nome sugere, é o *locus* mais ideal para a aliança entre céu e terra.

Tal configuração estrutural aloca uma temática perseguida na literatura de Mia Couto, a instauração do espaço da convivência e das trocas como indispensáveis à vida, sobretudo, em comunidades que foram cindidas pelo sistema colonial, como o próprio autor revela:

África não pode ser reduzida a uma entidade simples, fácil de entender. O nosso continente é feito de profunda diversidade e de complexas mestiçagens. Longas e irreversíveis culturas moldaram um mosaico de diferenças que são um dos mais valiosos patrimónios de nosso continente. Quando mencionamos essas mestiçagens falamos com algum receio, como se o produto híbrido fosse qualquer coisa menos pura. Mas não existe pureza quando se fala em espécie humana. Não há economia actual que não se alicerce em trocas. Pois não há cultura humana que não se fundamente em profundas trocas de alma (Couto, 2005, p. 19).

Considerações finais

A fim de concluir essa breve reflexão, cumpre, uma vez mais, ressaltar o esmero que Mia Couto dedica à configuração da espacialidade em suas obras, uma vez que esta dá suporte e validade a todos os seus anseios temáticos. Dentre tais anseios, um deles em particular é digno de apreço, qual seja a desarticulação das dicotomias legadas pela experiência colonial por que passou, e ainda passa em seus resquícios, Moçambique. Se, por exemplo, no romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* há uma ilha, Luar-do-Chão, capaz de conjugar o céu e a terra; se ali há uma casa, Nyumba-Kaya, que acolhe concentradamente a nomeação sulista e nortenha da província; se existe lá um rio, Madzimi, que afasta ao mesmo tempo em que aproxima, haverá sempre uma linha de convivência, de diálogo entre o novo e o velho, entre a tradição e modernidade. Eis a lição que a arte literária professa-nos: a existência de um espaço de confluência capaz de arrefecer o conflito e exaltar a diversidade, validando que a verdade em literatura, e acrescentamos na vida, está sempre no entre-lugar, como tão bem sentenciou Antoine Compagnon em sua obra crítica e literária.

Resta-nos, enfim, dizer que Mia Couto apresenta-se como um mestre na manipulação dos espaços neste romance, atingindo seus objetivos literários, humanos e políticos junto aos leitores. Tal perspectiva artística certamente muito contribui com a manutenção da cultura moçambicana e, igualmente, para o processo de pacificação e reestabelecimento do país. Daí a importância e o efeito estético-moral de sua obra de ficção tão ligada às raízes, às realidades históricas e contemporâneas do Tempo e da Terra de África e de alhures.

Referências bibliográficas

Cavacas, F. M. (2002). *Mia Couto: um moçambicano que diz Moçambique em Português*. (Tese de Doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

Chabal, P (1994). *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega.

Chaves, R (2005). *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Chevalier, J.; Gheerbrant, A. (2009). *Dicionário de símbolos*. Tradução de Vera da Costa e. Silva et al. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio,.

Couto, M. (1997). Entrevista. O gato e o novelo. *Jornal de Letras*, Lisboa.

Couto, M. Entrevista. *O tempo*, Belo Horizonte, 06 abr. 1997. Suplemento engenho e Arte.

Couto, M. (2005). *Pensatempos: textos de opinião*. Lisboa: Caminho.

Couto, M. (2009). *E se Obama fosse africano? E outras interinvenções*. Lisboa: Caminho.

Couto, M.(2003). *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Cia. das Letras.

Compagnon, A. (2006). *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Finazzi-Agró, E. A. (1993). *Invenção da ilha: tópica literária e topologia imaginária na descoberta do Brasil*. Campinas: *Remate de Males*.

Fonseca, M. N. S.; Cury, M. Z. F. (2008). *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica.

Leite, A. M. (2003). *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Maputo: Imprensa Universitária.

Maquea, V. (2007). Memórias inventadas: um estudo comparado entre *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum e *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, de Mia Couto.. (Tese de Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brazil.

Martins, C. (2006). *O entrelaçar das vozes mestiças: análise das poéticas da alteridade na ficção de Édouard Glissant e Mia Couto*. Estoril: Principia.

Moisés, M. (1974). *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix.

Noa, F. (2002). *Império, mito e miopia*. Lisboa: Caminho.

Noa, F. (2006). Modos de fazer mundos *na* atual ficção moçambicana. In: CHAVES, R.; MACÊDO, T. (Orgs.). *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda.

Reuter, Y. (1996.). *Introdução à análise do romance*. Tradução de Ângela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes.

Said, E. W. (1995). *Cultura e imperialismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras.